

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2018

Sé Catedral do Porto

22 de Janeiro de 2018

«A tua mão direita, Senhor, é forte e poderosa,
a tua força faz o inimigo em pedaços»

«Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». Ámen

É com muita alegria e satisfação que hoje partilho convosco a mensagem relativa ao tema da semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Uma alegria e satisfação redobradas por estarmos reunidos na secular Sé Catedral do Porto. A realização desta celebração hoje aqui, sem dúvida que expressa uma vez mais, o desejo e o compromisso da Diocese Católica do Porto, no aprofundamento do caminho da unidade com as outras Igrejas. Saúdo neste contexto, o sr Bispo D. António Taipa – administrador diocesano do Porto, e na sua pessoa, o clero e o povo da Igreja do Porto. Saúdo também com muito carinho, o povo e os responsáveis das restantes Igrejas hoje aqui reunidas. A diversidade que juntos expressamos é o sinal da riqueza do Corpo de Cristo que somos, dado que *«fomos batizados num só Espírito para formarmos um só corpo»*.

Este é também irmãos, o momento e o contexto para fazermos memória de D. António Francisco dos Santos, cuja partida súbita e inesperada para Deus, a todos nos tocou, e juntos darmos graças a Deus pela sua vida, pelo seu testemunho e ministério, e pelo seu assumido compromisso público com o movimento ecuménico e a unidade visível dos cristãos. Renovarmos hoje o nosso compromisso com o trabalho ecuménico será sem dúvida uma forma, de honrarmos a pessoa de D. António Francisco, e de mantermos vivo entre nós, o seu carisma e a sua santidade.

O tema deste ano do Oitavário da Unidade é rico e muito significativo para o nosso caminhar enquanto povo de Deus. No cântico de Moisés (no capítulo 15 do livro do Êxodo) celebra-se a intervenção libertadora de Deus, que permitiu ao povo oprimido passar o mar vermelho. Esta libertação é sublinhada na aclamação: *«A tua mão direita, Senhor, é forte*

e poderosa, a tua força faz o inimigo em pedaços». É um tema que nos é proposto pelas Igrejas das Caraíbas, uma região do continente americano marcada por quinhentos anos de colonialismo e escravidão. Durante todo esse processo e salvo honrosas exceções, a atividade missionária cristã nessa região (como em muitas outras!) esteve ligada a um sistema opressor que em nome de Deus escravizava, exauria recursos e riquezas e subjugava povos e culturas. No entanto, e revelando o poder transformador da Palavra de Deus, «ao mesmo tempo que aqueles que levaram a Bíblia para essa região usavam as Escrituras para justificar a subjugação do povo dominado, a Bíblia nas mãos dos escravizados, tornou-se uma fonte de inspiração e uma garantia de que Deus estava ao lado deles e que Deus os conduziria à liberdade»¹.

A mão direita de Deus, que tirou o povo de Israel da escravidão do Egito, deu assim esperança e coragem aos povos oprimidos das Caraíbas, tal como continua hoje também a dar alento e esperança aos oprimidos e escravizados do nosso tempo.

O Deus de Israel, o Deus de Jesus Cristo, o nosso Deus, o Deus que nos reuniu hoje aqui, é um Deus que primeiramente se revela como libertador perante circunstâncias históricas de opressão. Com efeito, Deus chamou e disse a Moisés : «*Tenho visto como sofre o meu povo que está no Egito. Ouvi-os queixarem-se dos seus opressores e sei bem o que eles sofrem. Por isso, estou decidido a ir libertá-lo do poder dos egípcios e tirá-lo dessa terra, para o levar a uma terra grande e boa, onde o leite e o mel correm como água*» (Êxodo 3, 7-8)

Na continuidade desta revelação na História da Salvação e na apresentação do seu programa ministerial, na sinagoga em Nazaré, Jesus assume para si as palavras do profeta Isaías dizendo: «*O Espírito do Senhor tomou posse de mim, por isso me escolheu para levar a Boa Nova aos pobres. Enviou-me para anunciar a libertação aos prisioneiros, para dar vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para anunciar o tempo em que o Senhor quer salvar o seu povo*». (Lucas 4, 17-19)

O Deus de Israel e o Deus do novo Israel que é a Igreja de Jesus Cristo, hoje como ontem, no presente como no passado, identifica-se com os oprimidos para lhes providenciar um caminho novo e os ajudar a quebrar

¹ Semana de Oração 2018 – Introdução ao Tema, p.8

as «correntes da opressão». A mão direita de Deus, que nas palavras de Moisés é forte e poderosa e tirou Israel da escravidão do Egipto, continua hoje a trazer esperança aos oprimidos do nosso tempo.

O cântico de vitória e de ação de graças de Moisés e de Miriam, que dá o tema a esta semana, como que nos obriga a uma releitura nova da Sagrada Escritura, uma leitura que se deixa surpreender, desafiar e guiar pela palavra poderosa deste e muitos outros cânticos bíblicos que exprimem e celebram sempre a ação libertadora de Deus na história dos homens e das mulheres. Aquele que se apresentou a Moisés como «Eu sou aquele que é» (Ex. 3,14) revela-se como «aquele que é» para libertar o seu povo. O povo de Israel é objecto do amor de Deus que não mais o abandonará, assim como são também objecto do amor e da solicitude divinas, todos aqueles e aquelas, que fruto do pecado humano, vivem situações de opressão e de escravidão. Deus é o Deus da História e move as Igrejas e os seus líderes a escutarem os clamores do nosso tempo.

Recentemente e numa declaração conjunta, o Papa Francisco e o Arcebispo de Cantuária, Justin Welby, afirmaram que a «escravidão moderna é um grande pecado». Ambos os líderes religiosos deram o seu apoio à criação da «Rede de Liberdade Global», organização ecuménica e inter-religiosa que combate a escravidão moderna. Juntos afirmaram que *«(e passo a citar) estamos agora a ser desafiados nos nossos dias a encontrar caminhos mais profundos de colocar o nosso ministério e missão aonde a nossa fé está; e a ser chamados a uma unidade mais profunda ao lado dos pobres e na causa da justiça e rectidão de Deus»² (fim de citação).*

As estatísticas indicam, que mais de 27 milhões de pessoas no mundo vivem hoje em condições de escravidão, enfrentando a exploração sexual ou trabalho forçado. Estima-se que dois milhões de pessoas sejam em cada ano vítimas de tráfico sexual, e vinte mil pessoas são forçadas a dar um órgão. Perante esta dimensão de pecado, o Papa e o Arcebispo de Cantuária afirmaram: *«Perseveremos no nosso compromisso em combater novas formas de escravidão, na esperança de que possamos ajudar a libertar as vítimas e a opormo-nos a esta deplorável comércio. Agradecemos a Deus que, enquanto discípulos enviados a curar um mundo*

² Joint Statement, Global Freedom Network, 17 Março 2014

ferido, possamos permanecer juntos, com perseverança e determinação, na oposição a este grave pecado»³. (fim de citação)

Ao longo da história da Igreja, a passagem do mar vermelho pelos israelitas a caminho da libertação, foi entendida como um símbolo e uma prefiguração do nosso próprio batismo em Cristo. A passagem do mar vermelho só é possível pela ação misericordiosa e vigilante de Deus. É Deus que toma a iniciativa e conduz o povo da escravidão para uma vida nova. A passagem pelas águas torna-se purificadora e é o início do Êxodo e de um tempo no deserto no qual o povo deve provar a sua fidelidade vivendo a Aliança à luz da Palavra de Deus.

Verdadeiramente o batismo cristão é o início de um novo Êxodo que é a vida cristã. Através do batismo somos incorporados no novo Israel que é a Igreja de Jesus Cristo. No batismo somos limpos do pecado e recriados em Cristo. Estamos livres para viver uma vida em Cristo e por Cristo. A graça e o amor de Deus recebidos no batismo, libertam-nos da escravidão do pecado para podermos caminhar juntos para a nova terra prometida. O batismo não é pois um ponto de chegada mas antes o início de uma partida, de um caminho existencial que se faz ao longo da vida ou se quisermos ao longo do deserto da vida. Um caminho no qual somos conduzidos pelo Espírito Santo que nos conduz à fonte da Água da vida que é Jesus Cristo.

Deste modo, (queridos irmãos) a nossa nova identidade de batizados, implica-nos a todos no chamamento missionário que assiste à Igreja Una. A Igreja na sua diversidade de tradições é assim chamada e tem o privilégio de participar na Missão de Deus que não é mais do que o modo de Deus amar e salvar o Mundo. *«Hoje existem muitas ameaças e novas formas de escravidão que distorcem profundamente a dignidade da pessoa humana criada à imagem de Deus»⁴*. O reconhecimento mútuo do batismo existente entre as nossas Igrejas, requer assim que não só nos aceitemos enquanto irmãos e irmãs em Cristo, mas também saibamos juntos, promover a libertação dos que vivem aprisionados e têm a sua dignidade posta em causa. Na medida em que a nossa identidade e vivência batismal for tanto mais assumida e vivida pelas Igrejas e pelos cristãos, mais nos encontraremos em Cristo, junto dos necessitados e

³ Ibidem

⁴ Mensagem da Conferência das Igrejas Europeias no Oitavário 2018

escravizados dos nossos dias. A nossa identidade batismal é estar onde Jesus está, e Jesus está «*quer na intimidade do Pai, quer na vizinhança do caos e do sofrimento do mundo que a sua encarnação assumiu e transforma*»⁵.

Tal como a Israel na sua longa caminhada pelo deserto, Deus chama hoje a Sua Igreja, a um compromisso e a uma fidelidade renovadas. Quanto maior a exigência e os desafios do nosso tempo, maior deverá ser a nossa fidelidade na escuta e no cumprimento da Palavra de Deus. Nas trevas que nos querem vencer só a Luz de Deus nos confere o sentido e a visão do caminho que urge percorrer. Confiança e fidelidade ao Senhor da História. Confiança e fidelidade naquele que conduziu o povo da escravidão para a liberdade. Confiança e fidelidade no Deus libertador que nos confere a Esperança necessária para olharmos o futuro com os olhos da fé.

O objetivo da redenção, era a de fazer dos israelitas um povo de louvor que reconhece o amor perseverante de Deus. No cântico de Moisés está também o cântico de Miriam. Ambos exprimem a sua alegria e o seu louvor. A nossa presença hoje aqui, na diversidade eclesial que representamos, é uma presença antes de mais que exprime louvor e gratidão a Deus. Estamos para juntos louvarmos ao Senhor. Façamo-lo com a alegria, alegria de quem confia e espera no Senhor. A alegria dos irmãos reunidos, numa só Fé, numa só Esperança e num só Amor. A alegria que provem de Deus e é capaz de contagiar e transformar a vida não só daqueles que ainda O não conhecem como também daqueles que se encontram escravizados.

Que assim seja, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amen.

+ Jorge

⁵ «The Fellowship of the baptized» - The John Coventry Memorial Address given by Archbishop Rowan Williams – 20 March 2010